

# PHILOSOPHICA

## FILOSOFIA E MEDICINA SOBRE DOR E SOFRIMENTO



Departamento de Filosofia  
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa

**Thomas P. KASULIS, *Engaging Japanese Philosophy: A Short History*, Honolulu, University of Hawai'i Press, 2018.**

Mergulhar no pensamento japonês e sistematizar catorze séculos de filosofia é uma tarefa que requer décadas de experiência e dedicação. Thomas Kasulis, filósofo americano e professor na *Ohio State University*, prova com este livro ser um dos poucos capazes de o fazer. Como o título do livro indica, o objectivo é fazer-nos *engajar* com a filosofia japonesa. O autor não se limita a uma simples descrição das ideias dos vários filósofos japoneses ao longo da história, mas *entrega-nos* as suas ideias de forma orgânica; mostra-as na prática, para que, dessa forma, nos mantenhamos fiéis ao que a filosofia japonesa nos instiga: a preferência pelo “conhecimento engajado” (*engaged knowing*), em detrimento do “conhecimento distanciado” (*detached knowing*) (pp. 20-23).

A estrutura do livro em si divide-se em quinze capítulos, sendo que apenas sete são dedicados a uma análise mais extensiva de sete filósofos: Kūkai (774-835), Shinran (1173-1263), Dōgen (1200-1253), Ogyū Sorai (1666-1728), Motoori Norinaga (1730-1801), Nishida Kitarō (1870-1945) e Watsuji Tetsurō (1889-1960). Intercalando estes, encontram-se capítulos de contextualização histórica e cultural e intelectual. O trato que Kasulis tem com o pensamento japonês está espelhado no modo fluido como a articulação entre capítulos é feita.

Não obstante, uma história de catorze séculos de desenvolvimentos e modificações de um pensamento filosófico contida num livro de setecentas páginas, dificilmente pode ser objecto de uma análise elucidativa numa recensão. Kasulis ajuda-nos a não ter de o fazer. Ao longo do livro, o autor alerta-nos constantemente, para os padrões e princípios metafísicos, delineados na introdução, que recorrentemente se anunciam nas várias manifestações filosóficas japonesas. Seguindo a análise de Kasulis, são precisamente esses princípios que nos vão ocupar nos parágrafos seguintes e que poderão servir para aguçar a curiosidade, não apenas por este edificante livro, mas pelo pensamento japonês no seu todo.

O padrão mais evidente para quem se debruce sobre a filosofia japonesa foi já referido: a preferência pelo “conhecimento engajado”, em detrimento do “conhecimento distanciado”. Kasulis diz-nos que este último não é, naturalmente, o único presente na filosofia ocidental, mas é, segundo o próprio, a sua configuração por defeito: uma propensão em

considerar o objecto de análise como algo exterior, cujo conhecimento é medido pela capacidade em expressar factos e juízos independentes sobre esse mesmo objecto. No *conhecimento engajado*, configuração por defeito do pensamento japonês, aquilo que difere é *o que* se analisa e *o modo como* se argumenta. Como ilustração, o autor propõe-nos um exercício interessante: Quem conhece melhor as palavras? Um filólogo ou um poeta? Quem conhece melhor a luz? Um físico ou um fotógrafo? As segundas respostas de cada uma das perguntas são, para Kasulis, exemplos de conhecimento engajado: não tentamos obter e acumular informação *sobre* algo, mas *compreendemos* esse algo através de actos práticos e da nossa experiência.

Dentro de um padrão de conhecimento engajado, Kasulis identifica dois motivos recorrentes: (i) ênfase nas relações internas e (ii) união mente-corpo. A ênfase nas relações internas é, mais uma vez, comparada à filosofia ocidental e à sua ênfase nas relações externas (pp. 26-29). Numa filosofia assente nas relações externas, o conhecimento, a ética, a lei, ou a estética emergem como *princípios* independentes de quem constitui as relações – eles próprios são o elo que une os indivíduos numa relação. Num pensamento que, pelo contrário, se guia pelas relações internas, o conhecimento, a ética, a lei ou a estética são construídos nas – e fruto das – relações.

A união mente-corpo, prevalente no pensamento japonês, é um óbvio legado budista. Neste motivo de um padrão de conhecimento engajado, a distinção entre conhecimento intelectual e afectivo começa a perder os seus contornos (pp. 29-32). Se a mente e o corpo deixarem de ser considerados como duas entidades independentes, torna-se complexo o isolamento destes dois tipos de conhecimento. Kasulis alerta-nos para uma importante palavra na língua japonesa que transporta uma carga intelectual e afectiva: *kokoro* (habitualmente traduzido como ‘coração’). Esta palavra, com um enorme peso na tradição estética japonesa, é traduzida pelo autor como “*mindful heart*” – uma fonte de sentidos e significados “que emerge tanto da sensibilidade dos sentimentos como da precisão do pensamento” (p. 30).

Um outro princípio encontrado por defeito na filosofia japonesa é o modo de compreensão entre as partes e o todo. A relação entre partes e todo é feita através de um modelo a que Kasulis chama de “modelo holográfico”: o todo (holo) está inscrito (grafo) nas partes (pp. 32-34). Trata-se de um modo de compreensão que vê nas partes o padrão do todo (o DNA é um bom exemplo). Vemos este modelo em acção na poesia *haiku* ou na pintura

minimalista japonesa *sumie*. Em ambos, uma compreensão de um todo é-nos dada somente por via de fragmentos da natureza.

Por último, Kasulis destaca três tipos de argumentação que, no geral, poderíamos agrupar sobre o termo ‘*argumentações inclusivas*’. Novamente por comparação à filosofia ocidental, Kasulis identifica nesta última a recorrência da “argumentação por refutação”, sendo que no pensamento japonês, identifica três tipos de argumentação: por atribuição, por hibridização e por relegação (pp. 35-39). A *argumentação por refutação* dedica-se a desconstruir o argumento contrário. A *argumentação por atribuição* procura atribuir um papel específico aos argumentos contrários ou novos (por ex., o modo como o Japão absorveu o conhecimento Chinês na época clássica e o conhecimento ocidental no século XIX, nunca deturpando aquilo que entendia ser o “espírito” japonês). A *argumentação por hibridização* procura formar um todo coerente por intermédio de uma amálgama de ideias diferentes e até conflituosas quando sozinhas (por ex., a ética Bushidō, uma mescla de Confucionismo, Budismo e Shintoísmo). E a *argumentação por relegação*, onde se aceita o novo ou o contrário, mas relegando-o a uma posição derivada ou subordinada à teoria escolhida (a filosofia de Kūkai e de Nishida Kitarō são claros exemplos deste tipo de argumentação).

Para concluir, não é um empreendimento fácil para alguém sem contacto intelectual prévio com o pensamento japonês, decidir aventurar-se na compreensão da sua filosofia. Não apenas porque as questões colocadas são de outra ordem, mas porque as premissas que as guiam harmonizam-se num outro horizonte metafísico. Não é, assim, de admirar, que na primeira metade do século XX, meio século depois de o Japão ter começado a absorver tudo o quanto podia do Ocidente, que o filósofo japonês Nishida Kitarō tenha sido capaz de resumir essa diferença metafísica: “Parece-me que podemos diferenciar o Ocidente, como tendo tendencialmente considerado o ‘Ser’ como o fundamento da realidade, do Oriente, que tomou o ‘nada’ como esse mesmo fundamento.”

Com isto em mente, este livro pode ser uma primeira porta de acesso a esta desafiadora e abundante filosofia que, precisamente por construir interrogações diferentes e argumentá-las de modo diferente, chega, inevitavelmente, a diferentes conclusões.

Ricardo Santos Alexandre  
(Doutorando em Antropologia – ISCTE –  
Instituto Universitário de Lisboa)  
rfsae@iscte-iul.pt

*EDITORIAL*

*ARTIGOS*

*AT THE HEART OF A DECISION IS A NARRATIVE*

R. M. Zaner

*AGONIA E RAZÕES PARA AGIR: UMA CRÍTICA A PARFIT*

Pedro Galvão

*A PROPÓSITO DA NATURALIZAÇÃO DA DOR NA OBRA DE FILIPE MONTALTO*

Manuel Silvério Marques e José Morgado Pereira

*AS MEDITAÇÕES SOBRE AS LÁGRIMAS E O CHORO DE JOHAN FRIEDRICH SCHREIBER*

Palmira Fontes da Costa

*REDESCOBRIR A SAÚDE QUE NUNCA SE PERDEU. DOENÇA, SOFRIMENTO E CURA NO BUDISMO*

Paulo Borges

*COMPREENDER A DOR. A PROPÓSITO DE UM CASO DE ANOREXIA NERVOSA CRÓNICA*

Dulce Bouça

*O PASSO DO ABISMO: O DESVIVER, A AGONIA E A MORTE DIGNA*

Manuel Silvério Marques

*A “BOA MORTE” DE BACON*

António Lourenço Marques

*SEDAÇÃO PALIATIVA, PERSPETIVA DE UM CLÍNICO*

Madalena Feio

*ENSAIOS*

*LA RESPUESTA AL PROBLEMA DEL NO-SER EN LA METAFÍSICA DE ARISTÓTELES*

Maria Carmen Segura Peraita

*GRAMSCI E I QUADERNI: FILOSOFIA DELLA PRASSI E IMMANENZA TRA MATERIALISMO E IDEALISMO*

Luca Onesti

*PRÉMIO PROF. DOUTOR JOAQUIM CERQUEIRA GONÇALVES PARA ALUNOS*

DO 1.º CICLO/ CURSOS DE LICENCIATURA (Edição de 2018)

*KANT NO JARDIM DO NÃO SEI QUÊ. NOTAS AO PARÁGRAFO §49*

DA CRÍTICA DA FACULDADE DO JUÍZO

João Maria Carvalho

*DISSERTAÇÕES*

*LUDO-ESTÉTICA*

Pedro Miguel Celestino Pereira

*RECENSÕES*

*THOMAS P. KASULIS, ENGAGING JAPANESE PHILOSOPHY:*

*A SHORT HISTORY, HONOLULU, UNIVERSITY OF HAWAII PRESS, 2018*

Ricardo Santos Alexandre

*INSTRUÇÕES AOS AUTORES – NORMAS DE PUBLICAÇÃO*

*INSTRUCTIONS TO AUTHORS – PUBLICATION PROCEDURES*



**Patrocínios**

